

Novo exemplar de quarto de dinar de Ibn Wazir invocando o emir almorávida Ishaq ibn 'Ali

Miguel Telles Antunes* e Adel Sidarus**

Resumo

Após a divulgação, pela 1.^a vez (1991-92), de moeda de ouro de Ibn Wazir de Évora, surgiu um novo exemplar em contexto arqueológico bem definido, o qual veio corroborar e complementar os resultados anteriormente obtidos. Podemos confirmar a atribuição das moedas em causa a quartos de dinar, com ligas de ouro de boa qualidade. Trata-se manifestamente de emissões escassas considerando o bom estado dos cunhos e a brevidade do período em que puderam ser emitidas: Jan.-Fev. 1146 a Mar. 1147 AD.

Abstract

After the notice (1991-92) about the first known gold coin from Ibn Wazir (of Evora), a new specimen was found in clear archaeological context. That allowed us to corroborate and complete the previously obtained results. This confirms the ascribing of the specimens to quarter dinars of good quality gold alloy. If the good state of the dies and the brief possible time span (January-February 1146 to March 1147 AD) of the emissions are taken into account, these coins most probably are representative of scarce emissions.

* Academia das Ciências de Lisboa. Centro de Estudos Geológicos e Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Quinta da Torre, 2825 - 114 Caparica. mta@mail.fct.unl.pt

** Universidade de Évora e Centro de Estudos Africanos e Asiáticos, Instituto de Investigação Científica Tropical, R. da Junqueira 30-1.º, 1349-007 Lisboa. cestaa@iict.pt

1. Introdução

Em meados do século XII, houve tentativas de constituição de estados autônomos por parte de autóctones do território hoje português: Cristãos a Norte e Muçulmanos a Sul. Teve êxito o que resultou do Condado Portucalense e da acção de Afonso Henriques. Enquanto que, em estados meridionais de duração efémera, foram principais figuras: Abu-l-Qasim Ahmad Ibn Qasi, proclamado *Mabdi* a partir da praça forte de Mértola e, após a implantação do poder almóada, governador de Silves até ser assassinado, pelos seus, devido a tentativa de aliança com Afonso Henriques; e Abu Muhammad Sidray Ibn Wazir, rei de Évora que chegou a dominar Beja, Silves e Badajoz. Sobreviveram em situação de instabilidade a que o domínio almóada pôs fim, logo a partir de 1157.

A moeda é essencial para a economia e como afirmação de soberania. Nos reinos resultantes da fragmentação do califado de Córdoba, ou seja, nas “primeiras taifas” foi produzida moeda em que era invocada a autoridade teórica de um califa desaparecido (i.e. Hisham II) ou de califa oriental indeterminado. Este precedente haveria, às vezes, de ser seguido por caudilhos do período das “segundas taifas”, relacionado com a decomposição do Império almorávida.

Na Hispânia islâmica (al-Andalus) houve tentativas independentistas com maior ou menor sucesso. Realçemos as que ocorreram em Mértola (liderando Évora, Beja, Silves e Niebla), Évora (com Beja, Silves e Badajoz), Silves, Badajoz, Córdoba e Múrcia, além de outras áreas. Eram conhecidas moedas emitidas por:

- Ibn Qasi, em Mértola e Silves;
- Abu Talib al-Zuhri, invocando Ibn Qasi, em Beja;
- Sayf al-Dawla Ahmad Ibn Hud, invocando às vezes Ibn Qasi, em Múrcia;
- Hamdin ibn Muhammad Ibn Hamdin, em Córdoba;
- Muhammad Ibn Sa'd, em Múrcia;
- Muhammad ibn 'Ali Ibn al-Hajjam, em Badajoz (após domínio de Ibn Wazir);
- Ibn Wazir, em várias localidades, invocando ou não outros suseranos.

Desconhecida era a retoma, por Ibn Wazir, do esquema de invocar uma suzerania não efectiva – a do derradeiro emir almorávida, Ishaq ibn 'Ali. Também se não conhecia qualquer moeda de ouro de Ibn Wazir. Tudo mudou, em ambas estas vertentes, com a identificação de novo tipo monetário, um quarto de dinar, divulgado não há muito tempo (Antunes e Sidarus, 1991-1992b).

Graças ao Dr. Antonino Poiares, chegou ao nosso conhecimento outro exemplar. Oferece múltiplos motivos de interesse por permitir verificar anteriores descrição e interpretação, e por haver sido recolhido em contexto arqueológico.

A ocorrência corrobora a evidência antes disponível. É demonstração (se tal fosse necessário) da autenticidade. Além disso, reforça o interesse do conhecimento histórico e da numária de Ibn Qasi e Ibn Wazir (Antunes, 1991; Antunes e Sidarus, 1991-1992a; 1991-1992b; 1993). Estas publicações quase não têm sido citadas em sínteses ou outros artigos em Portugal, mas foram-no no estrangeiro, em publicações porventura de muito maior difusão (por ex., cf. Blanco, 1997, p. 274).

Cabe notar, a propósito, certa incompatibilidade entre Investigação, que requer independência e ética, e algumas actividades relacionadas com o comércio. Não faltam especulações acerca de raridade; sugestões fortes podendo ludibriar incautos acerca de locais de emissão sedutores, mas inteiramente hipotéticos; distorções e manipulações quanto a espécimes que não estão nos circuitos convenientes, para as cotações dispararem astronomicamente sempre que convém. Em sentido contrário, tenta-se uma banalização de descobertas de moedas importantes com o fim subjacente de viabilizar uma eventual aquisição particular em condições mais favoráveis. Como se vê, tudo a legitimar dúvidas quanto à seriedade.

Em palestra proferida em conceituada Instituição, alguém – sem que tenha observado a moeda – tentou lançar dúvidas sobre a sua autenticidade. Não há argumentos contra factos. As características; o contexto arqueológico e histórico; o ilógico de preparar ligas diferentes das correntes em tempos modernos e de fabricar cunhos, inventando legendas lógicas e compatíveis com a realidade histórica (que falsário tão erudito!) – para, afinal, produzir algumas peças que nada têm de espectacular, as quais nem pagariam o trabalho. O aparecimento de um segundo exemplar idêntico, tal como aqui descrito, destrói por completo quaisquer hipotéticas dúvidas acerca da autenticidade.

2. Proveniência

O primeiro exemplar (Antunes e Sidarus, 1991-1992b) pertence à colecção do primeiro autor deste trabalho. Provém de colecção originalmente reunida em Messejana, Distrito de Beja; terá sido encontrado no castelo daquela localidade, onde foram colhidas, entre outras, diversas moedas de prata (quirates e meios quirates) da mesma época, incluindo espécimes em nome de Ibn Wazir.

O segundo foi encontrado por um pastor em associação com fragmentos de dirham e cinco fulus, de acordo com informação do Dr. Antonino Poiares, que adquiriu o conjunto destas moedas em Julho de 1997. Encontravam-se associados a fragmentos de cerâmica (“telha partida”) escura e grosseira no Barranco de Quintos, próximo da Herdade de Gravia, mas na vertente oposta do barranco, onde era conhecida uma *villa* romana. Também no Distrito de Beja.

3. Descrição

3.1. Legendas e ornatos

No que diz respeito a legendas, estilo e morfologia das letras, bem como a ornatos nada há a acrescentar à descrição anterior (Antunes e Sidarus, 1991-1992b). Após observação minuciosa, verifica-se que os cunhos utilizados em ambos os casos foram os mesmos, vista a inequívoca identidade das legendas, do desenho e disposição das letras e dos ornatos, pelo que nos limitamos a recordar as legendas:

Anverso

Profissão de Fé

Reverso

Ibn Wazir

Amir al-Muslimin

Ishaq ibn 'Ali

3.2. Metrologia

QUADRO 1

Exemplares	Messejana (col. M.T.A.)	Quintos (col. A. Poiares)
Peso (g)	>0.74 (após limpeza)	0.91
Espessura (mm)	1.0	0.9
Diâmetros(mín.-máximo; mm)	9.9 - 10.9	10.3 - 11.5

A moeda de Messejana perdeu matéria. Em comparação com a de Quintos, excelentemente conservada (não esquecendo ser de esperar alguma variação ponderal), a estimativa de peso inicial da ordem de 10% a mais do observado (Antunes e Sidarus, 1991-1992b), deve aproximar-se da realidade. Considerando apenas o novo exemplar, o peso é sensivelmente o de 1/4 de dinar (almorávidas e taifas almorávidas, ca. 3.5 a 4.2 g).

Não há critério nítido quanto ao desvio dos eixos do anverso e reverso: 51 graus, aproximadamente, para o de Messejana. Valor diferente para o novo espécime, não permitindo conclusões – a colocação dos cunhos não era cuidada.

3.3. Algumas observações metalográficas

O estudo metalográfico em microscopia de reflexão requer, para tirar todo o partido possível, a observação de superfícies perfeitamente planas e polidas, o que não é possível aplicar a uma moeda sem a danificar.

A moeda anteriormente descrita é mais propícia à observação devido à perda de metal em algumas partes. Foi observada pelo Prof. Doutor Fernando d'Orey. Reconheceu que: a superfície da moeda é irregular; não se vêem exsoluções; a liga é heterogénea, evidenciando grãos com reflectâncias mais baixas, provavelmente com cobre; o carácter heterogéneo da liga traduz metalurgia deficiente, primitiva, a temperaturas relativamente baixas e, simultaneamente, sem arrefecimento rápido, quase súbito, que melhora a homogeneidade (adoptado geralmente a partir do séc. XVIII).

Além das observações em microscopia óptica, as duas moedas foram vistas no microscópio de varrimento. Ambas, sobretudo a de Messejana, evidenciam orifícios microscópicos, cuja génese não está suficientemente esclarecida.

Meramente como hipótese, pode pensar-se haver correspondência com locais onde outros elementos (Ar, Cu) mais alteráveis possam ter sido eliminados. Daí resultaria uma situação residual em que a superfície poderia ser mais rica de ouro do que a liga. Mas é claro, também, que a situação é geralmente mais complexa - por causa da heterogeneidade da liga (ver adiante, a propósito da composição).

3.4. *Composição*

Temos vindo a obter análises não destrutivas (efectuadas pelo Prof. Doutor João Pais) de moedas por dispersão de energia de raios X com micro-sonda TRACOR acoplada a microscópio electrónico de varrimento JEOL 330 A (do Centro de Estudos Geológicos / Departamento de Ciências da Terra, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL). Tratámos essencialmente de moedas de ouro porque a alteração é muito menos significativa do que com ligas de prata ou cobre.

No entanto, há que analisar o valor do método. Do ponto de vista físico, há maneira de obter análises com maior rigor, inclusivamente no que diz respeito ao interior da moeda.

Porém, é do mais elementar realismo pôr a questão de saber até que ponto um enorme rigor tem significado mais do que pontual.

As altas resoluções e precisões são fictícias, porque não gerais. Com efeito, e com as técnicas metalúrgicas desses tempos: as variações de composição (propositadas ou não) das ligas e sua heterogeneidade após arrefecimento; somadas a eventuais sujidades de cadinhos, susceptíveis de, por exemplo, acrescentar algum ferro ou restos de outras matérias neles fundidas (por ex. o chumbo, muito utilizado em amuletos ou caixas onde se colocava um papel com inscrição corânica); decerto estão na base de espectros de variação muito mais amplos do que as margens de rigor de análises, em geral no que concerne a uma emissão mas, também, numa só moeda. Dando um termo de comparação imperfeito, não se tem visto a necessidade de registar a data do nascimento de ninguém com precisão ao segundo, ainda menos a fracções!

Após experiências (Antunes e Pais, 1999), e tendo em atenção que a mesma moeda dá resultados algo diferentes consoante as áreas analisadas devido ao carácter heterogéneo das ligas, optámos por fazer mais do que um ensaio para cada espécime. O conjunto dá, todavia, aproximações muito interessantes e conclusivas.

As numerosas análises praticadas a propósito de moedas do período das primeiras taifas, revelam elementos espúrios (Fe) e justificam atenção nos que são fundamentais (Au, Ag e Cu) nestas moedas.

As análises foram efectuadas com ampliação baixa, de modo a obter resultados correspondentes a áreas maiores, mais representativas da peça na totalidade. Os resultados, sem serem médios, aproximam-se dessa situação.

QUADRO 2

Exemplares	Messejana (col. M.T.A.)	Quintos (col. A. Poiars)
Au (% ponderal)	80.85* - 87.11 - 87.28)	94.78 - 95.36
Ag (idem)	19.15* - 11.39 - 11.37	3.63 - 3.14
Cu (idem)	-* - 1.50 - 1.35	1.59 - 1.50

* Análise publicada, Antunes e Sidarus, 1991-1992b, p.43, considerando apenas a relação Au/Ag e não tendo em conta Cu; novas análises, mais significativas, com os três elementos em causa.

As pequenas percentagens de cobre são quase as mesmas. A variação é mais significativa quanto a Au e Ag. Em ambos os exemplares, a percentagem de ouro é elevada. Em quilates, a variação oscila entre 21 e 23. Talvez tenha havido melhoria superficial no de Quintos, o que reduziria a diferença entre os dois. Há diferença, muito moderada, quanto à prata.

4. Cronologia

É possível determinar a data da emissão. Os limites (Sidarus, 1997, sinopse, p. 262-263) são: por um lado, a deposição de Ibn Hamdin, em Sha'ban de 540 AH (Jan.-Fev. 1146 AD); e, por outro lado, a morte de Ishaq Ibn 'Ali em Shawwal de 541 (Mar. 1147).

5. Conclusões

1. Podemos confirmar a atribuição das moedas em causa a quartos de dinar (sob reserva em Antunes e Sidarus, 1991-1992).

2. Nos exemplares, a percentagem de ouro situa-se entre ca. 80 e 95, correspondendo a liga de boa qualidade. Talvez tenha havido melhoria superficial no exemplar de Quintos, o que atenuaria a diferença de composição da liga das duas moedas. Há diferenças moderadas quanto à prata.

3. A observação e outros dados são suficientes para concluir que foram produzidas moedas com os mesmos cunhos mas a partir de ligas diferentes, ainda que mantendo boa qualidade.

4. O aparente bom estado dos cunhos e o período temporal muito breve sugerem emissões escassas.

5. Está fora de causa qualquer dúvida quanto à autenticidade das 2 moedas em estudo: a primeira quase certamente encontrada em sítio arqueológico bem definido (castelo de Messejana), a segunda recolhida em contexto arqueológico no Barranco de Quintos, na vertente oposta à Herdade de Gravia, também no Distrito de Beja. Situam-se, respectivamente, a cerca de 39 km SW e 18 km ESE daquela cidade.

6. Ainda que a localidade de cunhagem não esteja indicada, a posição dos achados e o contexto sugerem provável cunhagem em Évora (capital de Ibn Wazir, então praticamente independente - “vassalo” de um emir almorávida sem poder efectivo na região) ou Beja, enquanto capital oficial de uma província.

7. Os limites cronológicos da emissão são: de Sha’ban de 540 AH (Jan.-Fev. 1146 AD) a Shawwal de 541 (Mar. 1147).

Bibliografia

ANTUNES, M. Telles (1991) - Mais um quirate atribuível a Ahmad ibn Qasi. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 1, p. 15-17.

ANTUNES, M. Telles e PAIS, J. (1999) - Debasement of gold coinage in the Al-Andalus under the Muluk al-Tawa’if (Taifas kings – 5th Century H./ XI Century AD). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa/Classe de Ciências*. Lisboa. Tomo XXXVI (1996/1997) p. 257-278.

ANTUNES, M. Telles e SIDARUS, A. (1991-1992a) - Moedas árabes de Beja invocando Ibn Qasi. Nova leitura e interpretação histórica. *NVMMVS*. Porto. 2.ª S., XIV-XV, p. 25-40.

ANTUNES, M. Telles e SIDARUS, A. (1991-1992b) - Fracção de dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn

‘Ali (significado histórico e político). *NVMMVS*. Porto. 2.ª S., XIV-XV, p. 41-51.

ANTUNES, M. Telles e SIDARUS, A. (1993) - Mais um quirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri (Alcaria Longa – Baixo Alentejo). *Arqueologia medieval*. Porto. 2, p.221-223.

BLANCO, E. C., ed. (1997) - *Moneda andalusí en la Alhambra*. Alhambra: Ed. Archivos y Publicaciones Scriptorium. [Textos de Tawfiq Ibrahim e Alberto Cantol].

SIDARUS, A. (1997) - Novas perspectivas sobre o *Gharb Al-Ándalus* no tempo de D. Afonso Henriques. In *Actas do 2.º Congresso histórico de Guimarães. D. Afonso Henriques e a sua época*. Guimarães: Câmara Municipal; Braga: Universidade do Minho. Vol. 2, p. 249-268.

Agradecimentos

Testemunhamos o nosso reconhecimento a: Dr. Antonino Poiares, que proporcionou a possibilidade de estudar um novo espécime do quarto de dinar e que forneceu as indicações acerca da localização e as fotografias; Prof. Doutor João Pais, autor das análises em micro-sonda; Prof. Doutor Fernando d'Orey, que realizou observações num microscópio metalográfico. Foram utilizados meios do Departamento de Ciências da Terra e do Centro de Estudos Geológicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

A (Anverso)



a - Messejana



b - Quintos



R (Reverso)



Fig. 1 - Quarto de dinar emitido por Ibn Wazir reconhecendo como suzerano (nominal) o último emir almorávida, Ishaq ibn 'Ali, anverso (A) e reverso (R). Escalas, x 1 e x 2. a - Exemplar proveniente de Messejana, possivelmente do castelo, col. M. T. Antunes (Antunes e Sidarus, 1991-1992b); b - Exemplar proveniente de Quintos, col. Antonino Poiães (inédito).

